

Um Conceito de Civilização – Escritos de Euclides da Cunha

Mário Henrique Castro Benevides*

Introdução

Dentre as descrições feitas da Guerra de Canudos¹ – conflito armado, que, em 1897, destruiu a cidade de mesmo nome (também conhecida como *Belo Monte*), no sertão da Bahia – a interpretação do escritor Euclides da Cunha (1866-1909), publicada sob a forma do livro *Os sertões: campanha de Canudos*, de 1902, ainda é a mais presente, a mais discutida nos meios literários e históricos (GALVÃO, 2002), a despeito das muitas críticas que sofre – críticas ao teor cientificista de seus argumentos, à linguagem erudita ou rebuscada de sua escrita, “à parcialidade de seu depoimento, à falta de tratamento profissional das fontes que usou e ao caráter datado ou contraditório de muitas de suas avaliações” (ZILLY, 2002: 3). Essa interpretação divulga a violência do conflito e seus personagens centrais – os *jagunços*, os guerreiros canudenses – tanto como uma narrativa esteticamente organizada como na forma de uma observação com pretensões de objetividade científica, classificada até como um dos primeiros tratados de sociologia no Brasil (FERNANDES, 1977; SEVCENKO, 1983; SODRÉ, 1995).

Nesse contexto, onde a classificação do trabalho de Euclides da Cunha e mesmo de seu pensamento era e ainda é uma questão debatida², um termo merece destaque, por sua variabilidade no discurso deste pensador: *civilização*. Nos primeiros textos deste escritor a palavra “civilização” é citada como um conceito do qual não se escapa, como uma força histórica e como uma lei natural: “A civilização é o corolário mais próximo da atividade humana sobre o mundo; (...) o seu curso, como está, é fatal, inexorável” (CUNHA, 1995 [1888]: 587). Posteriormente, no entanto, n’*Os sertões*, em meio a sua visão analítica e literária, ela também se torna alvo de crítica, um conceito relativizado, tratado como uma imposição estrangeira, uma pressão exterior e estranha ao mundo nacional: “Estamos *condenados* à civilização. Ou progredimos ou desaparecemos.” (Idem, 1982 [1902]: 60; grifo meu). Até chegar, mais tarde ainda, no momento de definitiva consagração do escritor – sua posse na Academia Brasileira de Letras, em 1906 – carregado de uma ambigüidade sutil:

O quinquênio de 1875-1880 é o da nossa investidura um tanto temporã na filosofia contemporânea, com seus vários matizes, do positivismo ortodoxo ao evolucionismo no sentido mais amplo, e com as várias modalidades artísticas, decorrentes, nascidas de idéias e sentimentos elaborados fora e muito longe de nós.

A nossa gente, que bem ou mal ia seguindo com os seus caracteres mais ou menos fixos, entrou, de golpe, num suntuoso parasitismo. Começamos a aprender de cor a civilização: cousas novas, bizarras, originais, chegando, cativando-nos, desnorteando-nos, e enriquecendo-nos de graça.

* Bacharel em Ciências Sociais e mestrando em Sociologia – Universidade Federal do Ceará.

¹ Como as de Franco (1898), Benício (1997), Nunes (in Galvão, 1974). A Guerra de Canudos foi estudada, em todo o século XX, por um universo de autores. As discussões que o conflito ainda alimenta, no plano sociológico e histórico, são, além de amplas, multifacetadas. Os trabalhos mencionados, no entanto, foram produzidos no momento da contenda, por repórteres do período. Seriam contemporâneos de Euclides da Cunha, sendo seus escritos amostras da diversidade de abordagens sobre o acontecimento.

² Como por Galvão (2002), Roland (1997), Sodré (1995), Coutinho (1995), Freyre (1987). Estes autores discordam sobre o estatuto de sua obra – analítica, fictícia ou permeada por ambos os mundos simbólicos. O debate sobre essa classificação ainda perdura nos círculos intelectuais de hoje.

(Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, 18 de dezembro de 1906. Retirado de www.academia.org.br em 13/12/2006).

O presente texto discute – sem se dedicar a grandes compilações e sem a pretensão de reconstruir longamente a história de um conceito – o “deslocamento” da palavra civilização nos escritos de Euclides. Fazemos um passeio pelo *front* e pelas batalhas que sua linguagem recupera e observemos uma pequena parte de sua elaboração.

Escritor e Civilização

Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha nasceu em 1866, em uma fazenda do município de Cantagalo, província do Rio de Janeiro. Neto de traficante de escravos, filho de guarda-livros, pertencia a uma família então sem grandes patrimônios. Coursou engenharia na Escola Militar da Praia Vermelha, uma opção necessária já que não dispunha de recursos para custear os estudos na Escola Politécnica, instituição de formação civil. A educação militar, gratuita, que lhe direcionou para a carreira das armas, de onde se afastaria em 1896, já tenente, tinha forte influência de idéias positivistas e filosóficas, como lembra Carone (1980). Republicano convicto ainda nos tempos do Império, o jovem Euclides já escrevia artigos para o pequeno jornal *O democrata* e neles já mostrava suas posições políticas de crítica ao regime imperial. Mas, foi a Guerra de Canudos que tornara seu nome conhecido nos meios letrados do país. O jornal *O Estado de São Paulo* envia Euclides da Cunha como correspondente de Guerra para a frente de batalha, no interior da Bahia. Formado engenheiro civil, participa como testemunha e repórter dos eventos que viriam compor, nos cinco anos seguintes, seu livro mais conhecido: *Os sertões*.

A publicação da obra e a crítica positiva que ela recebeu de figuras consagradas nos meios eruditos, como o escritor José Veríssimo (CUNHA, 1995b), rendem a Euclides uma notoriedade súbita. Não demoraria e o engenheiro/escritor seria aceito na Academia Brasileira de Letras e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, instituições de forte prestígio intelectual já naqueles tempos da República Velha. Mas é preciso esclarecer que esse reconhecimento intelectual não mudou a realidade econômica de Euclides da Cunha. O autor, que sempre dividira seu tempo entre a vida de escritor e o ofício da engenharia (profissão que detestava), continuou a viver muitas dificuldades financeiras. Morreria em 1909, assassinado, no bairro da Piedade, pelo amante de sua esposa, o tenente Dilermando de Assis.

A idéia de civilização, associada a termos como “desenvolvimento” e “liberdade”, era bastante presente em parte do discurso intelectual da época, fruto de influências do pensamento europeu, (SEVCENKO, 1983). Era, ao mesmo tempo, criticada, no sentido de seu caráter estrangeiro, uma vez que este momento histórico era palco da luta intelectual pela construção de uma identidade nacional, empresa que se queria livre de fórmulas invasoras (idem, ibidem). O contexto do século XIX entendia como civilização a estrutura cultural e social do Velho Mundo, em particular a França, onde o termo fora cunhado (ELIAS, 1994b). No espectro do pensamento positivista e evolucionista, produzidos naquele universo, a civilização era o modelo de desenvolvimento para a humanidade. Quando as pressões por competição econômica e avanço das técnicas de produção chegaram com força ao Brasil Império, a civilização estava lá, na boca e nas mentes dos defensores do “progresso” (CARVALHO, 1998).

Para Norbert Elias (1994) civilização é um processo, um encadeamento de eventos, mudanças sociais e interiorizações, que se dirige, ao longo da história ocidental, para um maior controle social, um maior controle técnico do homem sobre a natureza e uma maior disseminação de autocontrole entre os indivíduos (ELIAS, 1994c). Esse processo estaria intimamente ligado a

outros, como a ampliação da noção de “eu” provocada pela divisão social do trabalho (idem, ibidem) e uma integração política que ganhara novo ritmo com a formação dos Estados nacionais, nos fins da Era Medieval. (idem, ibidem). O *processo civilizador* como chama Elias, relacionado a essa série de outros processos sociais e históricos, nem sempre caminharia “para frente”, passando às vezes por recuos que se traduzem em seus contrários (crises políticas, desintegrações sociais, perda de controle social, aumento da violência no cotidiano).

O termo “civilização” teria origem na sociedade francesa dos fins da Idade Média (ELIAS, 1994b). Divulgada, ao longo dos séculos, como um sinônimo de nobreza, de superioridade cultural, de humanidade, tal palavra ganhou força e lugar em todo o mundo ocidental. Seu aspecto mais profundo era o de um conjunto de normas voltadas para a lógica de “domesticação” e controle dos hábitos humanos – formas “corretas” de vestir-se, de porta-se à mesa, de falar em público, etc. Ser “civilizado”, significava, no contexto europeu do período, obedecer a tais normas. Assim, ainda de acordo com Elias, a civilização se firmou como instrumento de *distinção social* tornando-se um dos processos mais ativos no correr da história. A despeito de seus “retrocessos” (Elias aponta a sociedade alemã da Segunda Guerra Mundial como um deles [1998]) a civilização (ou o “processo civilizador”, no jargão do autor) teria se relacionado com as transformações conjunturais do Ocidente e seria agora centro de sua História (ELIAS, 1994c).

No caso de Euclides da Cunha, as variações de seu pensamento, seu visível interesse no mundo sertanejo, juntamente com sua tentativa de abarcar conceitos aparentemente diferentes como filosofia, ciência e literatura, orquestraram uma construção conceitual importante: o autor se apropriava da idéia de civilização, tão alardeada nos círculos republicanos do período, como um termo e uma noção móvel, central no que toca seu lugar de observador de uma realidade associada comumente às suas antíteses: a “barbárie”, o desconhecido, o *selvagem* (POMPA, 2003). Os “singularíssimos civilizados” (como ele chama os soldados republicanos que atacaram Canudos [CUNHA, 1982: 437]) seriam “mercenários inconscientes” da civilização que avançava sobre os sertões. Mas, nos termos de Euclides, essa campanha, impulsionada por leis naturais nas quais ele acreditava, era também um crime pela destruição e morte causada (idem, ibidem). A mesma civilização como modelo de organização, como ordem social por excelência, era, para o autor, também produtora de violências.

O termo está presente na definição de *Os sertões*, na apresentação de seus objetivos:

Intentamos esboçar, palidamente embora, ante o olhar de futuros historiadores, os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil. E fazêmo-lo porque a sua instabilidade de complexos de fatores múltiplos e diversamente combinados, aliada às vicissitudes históricas e deplorável situação mental em que jazem, as tomam talvez efêmeras, destinadas a próximo desaparecimento *ante as exigências crescentes da civilização* e a concorrência material intensiva das correntes migratórias que começam a invadir profundamente a nossa terra. (CUNHA, 1982: 16, grifo meu).

A presença constante da palavra nos textos do autor demarca as fronteiras do encontro cultural e político que Euclides vivia e que a Guerra, a seu modo, representava. Ela surge também nas descrições do canudense, do jagunço e atravessa a lógica do conflito-enredo:

O caso, vimo-lo anteriormente, era mais complexo e mais interessante. Envolveria dados entre os quais nada valiam os sonâmbulos errados e imersos no sonho da restauração imperial. E esta insciência ocasionou desastres maiores que os das expedições destroçadas. Revelou que

pouco nos avantajávamos aos rudes patrícios retardatários. Estes, ao menos, eram lógicos. Insulado no espaço e no tempo, o jagunço, um anacronismo étnico, só podia fazer o que fez - bater, bater terrivelmente a nacionalidade que, depois de o enjeitar cerca de três séculos, procurava levá-lo para os deslumbramentos da nossa idade dentro de um quadrado de baionetas, mostrando-lhe o brilho da *civilização através do clarão de descargas*.

Reagiu. Era natural. (Idem, ibidem, p 262, grifo meu).

A animalidade primitiva, lentamente *expungida pela civilização*, ressurgiu, inteiriça. Desferrava-se afinal. Encontrou nas mãos, ao invés do machado de diorito e do arpão de osso, a espada e a carabina. (idem, ibidem, p 405, grifo meu).

O tom aparentemente inconcluso do conceito, em Euclides, não implicava, portanto, em uma indefinição casual: está, como outras noções, coligado ao processo de elaboração intelectual que o autor realiza ao longo de sua vida como escritor e pensador. A civilização aqui é tanto a sociedade européia como os conjuntos nela inspirados, que, de um modo ou de outro, reordenavam seu espírito cultural. Aparece nos limiões de sua construção simbólica – a obra completa *Os sertões* –, como um artefato estético/literário gerador de reflexão: Euclides costurava a ciência – e muitas dos preconceitos – de seu tempo ao amplo conjunto de fatores singulares da realidade brasileira. No entanto, mais do que produzir um misto de ensaio analítico amparado pela ciência positivista ou uma peça de Literatura realista, o autor cruzou as classificações para expor suas experiências e impressões como testemunha da Guerra de Canudos, dando à idéia de civilização uma marcação de processo histórico não necessariamente positiva, não absolutamente pacificadora, hostil às existências das populações sertanejas:

Insistamos sobre esta verdade: a guerra de Canudos foi um refluxo em nossa história. Tivemos, inopinadamente, ressurreta e em armas em nossa frente, uma sociedade velha, uma sociedade morta, galvanizada por um doido. Não a conhecemos. Não podíamos conhecê-la. (...) essas psicoses epidêmicas despontam em todos os tempos e em todos os lugares como anacronismos palmares, contrastes inevitáveis na evolução desigual dos povos, patentes sobretudo quando um largo *movimento civilizador* lhes impele vigorosamente as camadas superiores. (idem, ibidem: 483, grifo meu).

O “movimento civilizador” de que nos fala o escritor brasileiro é uma viagem de mudança drástica, que ele muitas vezes interpreta como incontrolável, evolutiva, mas que não encara como ingênua, livre de conflitos e danos sociais – uma civilização-guerra, contada como uma história de guerra da civilização contra o mundo do Diferente.

A relevância da história deste conceito está ligada à importância de entendermos a civilização nos contextos atuais, onde ela é freqüentemente evocada. Em tempos onde a violência estampa o mundo do discurso no Brasil (representada e apresentada pela imprensa ou pelo cinema, por exemplo) a civilização é retomada como palavra de ordem, como noção que se quer recompor. Discuti-la no universo da literatura, acredito, é alargar o campo de visão do mundo social. Analisá-la nos textos de Euclides da Cunha não é procurar uma origem ou um “discurso fundador”, mas desnudá-la dentro de um símbolo construído pela história da crítica. Euclides da Cunha pode não ter sido o primeiro a abordar esta noção na língua portuguesa – a obra crítica de Eça de Queiroz, por exemplo, o precedeu nisto –, mas a centralidade de sua obra no palco da escrita – centralidade também social e historicamente construída pelos campos intelectuais brasileiros e estrangeiros – é suficientemente importante para o debate.

Euclides da Cunha encarna parte dos antecedentes intelectuais dessa representação social. Ele mescla preconceitos e eurocentrismos, mas esboça também uma crítica ao mundo não-

brasileiro quando fala de civilização no Brasil. Sua obra oferece subsídios para repensarmos muitos conceitos, para que possamos manter o poder de reflexão de nossa memória política. Que civilização, material e simbólica, estamos construindo? De que civilização estamos falando?

Bibliografia

- BENÍCIO, Manoel, *O Rei dos Jagunços*. Brasília: Senado Federal, Edição Fac-similar, 1997.
- CARONE, Edgar, *A República Velha – instituições e classes sociais*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- COUTINHO, Afrânio. *Os Sertões, Obra de Ficção* in CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*, vol. II, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1995.
- CUNHA, Euclides, *Canudos: diário de uma expedição*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.
- _____. *Os sertões: campanha de Canudos*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- _____. *Caderneta de Campo*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- _____. *Obra Completa*, vol I., Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1995.
- _____. *Obra Completa*, vol II, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1995.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1994.
- _____. *O Processo civilizador*. Volume I. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- _____. *O Processo civilizador*. Volume II. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- _____. *Os Alemães*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- FERNANDES, Florestan *sociologia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *Os Jagunços*, Rio de Janeiro, 1898.
- FREYRE, Gilberto. *Perfil de Euclides e outros perfis*. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *Anseios de amplidão* in Cadernos de Literatura Brasileira, nº 13/14, dezembro de 2002.
- _____. *No calor da hora*, São Paulo: Ática, 1974, 512 págs.
- POMPA, Cristina. *Religião como Tradução* Bauru: Edusc. 2003
- ROLAND, Ana Maria. *Fronteiras da palavra, fronteiras da história*. Brasília: Editora UnB, 1997.
- SEVCENKO, Nicolau. 1983, *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- SODRÉ, Néelson Werneck. *Revisão de Euclides da Cunha* in CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*, vol. II, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1995.
- ZILLY, Berthold. 'A guerra como painel e espetáculo. A história encenada em Os sertões'. Retirado de www.scielo.org